

AS PAISAGENS DO LIVRO “OS SERTÕES” ATRAVÉS DA LEITURA, IMAGINAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO ARTISTA PLÁSTICO IMPRESSIONISTA OTONIEL FERNANDES

THE LANDSCAPES IN THE BOOK “OS SERTÕES” THROUGH THE READING, IMAGINATION AND INTERPRETATION OF THE IMPRESSIONIST PLASTIC ARTIST OTONIEL FERNANDES

LOS PAISAJES EN EL LIBRO “OS SERTÕES” A TRAVÉS DE LA LECTURA, LA IMAGINACIÓN E INTERPRETACIÓN DEL ARTISTA PLÁSTICO IMPRESIONISTA OTONIEL FERNANDES

Luiz Henrique dos Santos¹

RESUMO: A obra “Os Sertões”, escrita entre 1896-1897, publicada em 1902 por Euclides da Cunha, tornou-se um grande clássico da Literatura Brasileira, devido a sua genialidade e magnitude, estabelecendo-se, assim, como obra literária atemporal. O contexto do livro basicamente são os relatos da Guerra de Canudos ou Campanha de Canudos, um conflito entre os membros da comunidade sócio religiosa liderada por Antônio Conselheiro e o exército brasileiro, em Canudos, interior do estado da Bahia. A motivação em articular essa pesquisa consiste na percepção de consumidor de produtos da indústria cultural, notando efetivamente que a obra de Euclides da Cunha já transbordou na seara da literatura, provocando artistas de outras linguagens a usar o repertório de sua obra como referência para produzir novos conteúdos inspirados nos conflitos da Campanha de Canudos. A abordagem específica desta pesquisa retrata o pintor brasileiro impressionista Otoniel Fernandes, “O Monet do Cerrado”, título antonomástico local.

Palavras-chave: Paisagem. Literatura. Imaginação. Pintura Impressionista.

ABSTRACT: The work “Os Sertões”, written between 1896-1897, published in 1902 by Euclides da Cunha, became a great classic of Brazilian Literature, due to its genius and magnitude, thus establishing itself as a timeless literary work. The context of the book is basically the accounts of the Guerra de Canudos or Campanha de Canudos, a conflict between members of the socio-religious community led by Antônio Conselheiro and

¹ Doutorando Programa de Pós Graduação em Geografia Unesp Rio Claro. Orientado pelo Prof. Dr. Diego Maia. Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2689-1262>. E-mail: luiz.henrique-santos@unesp.br

Artigo recebido em agosto de 2022 e aceito para publicação em outubro de 2022.

the Brazilian army, in Canudos, in the interior of the state of Bahia. The motivation for articulating this research consists of the consumer's perception of products from the cultural industry, effectively noting that the work of Euclides da Cunha has already overflowed in the field of literature, provoking artists from other languages to use the repertoire of his work as a reference to produce new ones. content inspired by the conflicts of the Canudos Campaign. The specific approach of this research portrays the Brazilian impressionist painter Otoniel Fernandes, "O Monet do Cerrado", a local antonomastic title.

Keywords: Landscape. Literature. Imagination. Impressionist Painting.

RESUMEN: La obra "Os Sertões", escrita entre 1896-1897, publicada en 1902 por Euclides da Cunha, se convirtió en un gran clásico de la literatura brasileña, por su genialidad y magnitud, consolidándose así como una obra literaria atemporal. El contexto del libro son básicamente los relatos de la Guerra de Canudos o Campanha de Canudos, un conflicto entre miembros de la comunidad sociorreligiosa liderada por Antônio Conselheiro y el ejército brasileño, en Canudos, en el interior del estado de Bahía. La motivación para articular esta investigación consiste en la percepción del consumidor de los productos de la industria cultural, constatando efectivamente que la obra de Euclides da Cunha ya se desbordó en el campo de la literatura, provocando que artistas de otros idiomas utilicen el repertorio de su obra. como referencia para producir nuevos contenidos inspirados en los conflictos de la Campaña de Canudos. El enfoque específico de esta investigación retrata al pintor impresionista brasileño Otoniel Fernandes, "O Monet do Cerrado", título antonomástico local.

Palavras chave: Paisaje. Literatura. Imaginación. Pintura Impresionista.

INTRODUÇÃO

Euclides da Cunha entregou à literatura brasileira uma verdadeira preciosidade ao publicar "Os Sertões". Numa perspectiva de estudos acadêmicos, a obra pode ser considerada uma importante fonte de apreciações e análises nos mais diversos segmentos. E é exatamente sobre algumas abordagens dessa importante obra literária, que esta pesquisa tem a intenção de discorrer. "Os Sertões", escrito entre os anos de 1896-1897, publicado cinco anos após o término do conflito, foi uma tentativa de rever a versão oficial da guerra de Canudos: a luta da República contra focos monarquistas do sertão baiano. Terminada a guerra, atos de barbárie dos vencedores, continuaram sendo encobertos. Euclides, pretendia, não apenas relatar o que presenciou, mas, munido de teorias científicas vigentes – determinismo, positivismo e conhecimentos de sociologia e geografia natural e humana – como também compreender e explicar o fenômeno, cientificamente. Tal experiência única na literatura, culminou numa narrativa com estilo histórico sustentado em valores científicos. Ora, uma obra assim, socialmente caleidoscópica, torna-se atrativa às diversas ópticas de estudos da experimentação humana.

Segundo Lima (2000, p.9) o interesse pelos estudos literários numa abordagem de perspectiva geográfica não é algo novo, desde a década de 1940 os franceses já se ocupavam com tais inquietações, buscando valorizar e recuperar a imensa riqueza que a ciência geográfica abarca em seus romances, contos, poesias, crônicas e tantos outros gêneros literários.

Para Ribeiro (2016, p.5) a obra *Os Sertões* foi o contato mais próximo dos grandes vazios demográficos que algum brasileiro morador dos grandes centros da época iria chegar. Numa perspectiva literária é difícil classificar a obra, ora sendo categorizada como “não ficção”, ou até mesmo “jornalismo literário”, tal dificuldade se dá por conta de que a mesma possui uma perspectiva polissêmica devido a sua abordagem ora poética, geográfica, geológica, sociológica, antropológica e historiográfica.

Portanto, o objetivo essencial dessa pesquisa é exemplificar, nessa trajetória, que já houve tentativas de transposição da obra literária para outras linguagens artísticas, como o cinema, o teatro e as artes visuais. Constatamos através de pesquisa bibliográfica que já foi produzido um acervo significativo de outras obras inspiradas que têm como referência o texto original de Euclides da Cunha.

Assim, esse trabalho procura analisar alguns aspectos relativos ao uso da percepção da paisagem desta obra, pelo viés interpretativo da releitura da paisagem de *Os Sertões* produzidas por artistas que co-criaram produções artísticas posteriores à publicação da obra de Euclides da Cunha. Na Década de 1990, o pintor Tripoli Gaudenzi produziu um acervo de obras inspiradas no livro “Os Sertões”; já em outubro de 1997, o cineasta Sérgio Rezende faz lançamento do filme Guerra de Canudos. Posteriormente em dezembro do ano de 2002 o Teatro Oficina inicia a sua saga com encenações de transposição da versão literária para a dramaturgia teatral. E, sobretudo, neste contexto, apresentar o expressivo trabalho do pintor impressionista Otoniel Fernandes, que também teve a perspicácia de fazer releituras da grande obra de Euclides da Cunha: *Os Sertões Impressões e Pinturas*.

O uso de imagens é muito eficiente no ensino e na perspectiva da comunicação geográfica. Segundo Almeida (2021) a paisagem retratada em qualquer dos campos das artes visuais reflete o cotidiano de uma sociedade, em um determinado espaço, em um dado momento, possibilitando diferentes interpretações de significados e representações nela inseridas. Sendo assim, dar-se-á ênfase a esse diálogo potencial entre pintura ao ar livre, paisagens, imaginação e a geografia. Inspirado na mesma tríade, onde Euclides da Cunha dividiu sua obra em três momentos, O Homem, A Terra e A Luta, pretende-se expor reflexões em três fragmentos de análise: Parte I- Os Sertões, Parte II- Alguns experimentos de transposição do conteúdo do livro *Os Sertões* para as linguagens das artes cênicas, audiovisual e artes visuais e a Parte III- A releitura produzida pelo artista plástico Otoniel Fernandes.

DESENVOLVIMENTO

PARTE I - *Os Sertões*

Esta análise foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica, através da investigação dos aspectos geográficos e literários da referida obra.

Lima (2000) faz um estudo que apresenta algumas reflexões sobre a Geografia e a Literatura, sob uma abordagem humanística, considerando diferentes aspectos relacionados à percepção ambiental e à paisagem vivida, além de outros pontos, tais como: sentido de espaço e lugar, valores e imagens respectivos ao meio ambiente. A autora apresenta diversas proposições trazendo contribuições significativas à luz de Relph, Pierre Monbeig, Armand Fremont, Paul Claval, Yi-Fu Tuan, Douglas C.D. Pocock, Christopher L. Salter, Brian, Hudson, Fernando Segismundo, Mauro Mota, Livia de Oliveira e Lucy Marion C. P. Machado, cujas perspectivas apresentam um panorama historiográfico da evolução de pesquisas significativas no que concerne aos estudos mediados pela transversalidade entre Geografia e a Literatura.

Almeida (2021) propõe em sua pesquisa que as paisagens podem dar uma contribuição da arte para a Geografia sociocultural, trazendo uma reflexão breve sobre os paisagistas que se destacaram na arte, com uma transformação da concepção de natureza, e cunharam o termo paisagem, apropriado pela Geografia. Além disso, faz uma discussão sobre imagens, imaginação e imaginário ao beneficiar o entendimento da criação e dos usos da paisagem, sobretudo na Geografia sociocultural. Observe-se que na atualidade, o homem é saturado de imagens decorrentes de novas técnicas e de satélites. E está em curso uma crise de representação de paisagem arquetípica, cuja imagem não tem correspondência com a paisagem real.

Em específico, tratando-se sob os aspectos entre *Os Sertões*, a Geografia e a crítica na visão Euclidiana, Ribeiro (2016) nos apresenta diversas conexões entre a obra literária e a produção do espaço geográfico numa perspectiva militar:

Não é, intenção da presente pesquisa, classificar a obra de Euclides da Cunha, tarefa que, como afirma o Alfredo Bosi, é uma tarefa monstruosa, talvez beire ao infinito. Não pode ser possível esgotar “Os Sertões” sob nenhuma análise, mas é bem possível explorá-lo sobre muitos aspectos. Por isso, adiantando as devidas controvérsias, reivindico a obra sob o olhar da geografia militar, acreditando ser adequado classificá-lo como tal, pois possui forte influência de Humboldt, com extensos trabalhos de geologia, geomorfologia, clima, geografia social entre outros. (p.3)

Neste sentido, seria praticamente impossível desvencilhar o resultado da obra literária com a formação militar de Euclides da Cunha nos contextos da Escola militar e da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde teve todo o programa de formação.

PARTE II - Alguns experimentos de transposição do conteúdo do livro “Os Sertões” para as linguagens das artes cênicas, audiovisual e artes visuais.

A obra de Euclides da Cunha já foi submetida a diversos experimentos transbordando no universo das linguagens artísticas algumas releituras que foram elaboradas por versões de cinema, teatro e artes visuais.

Na cinematografia brasileira, existem registros de filmes que retratam o universo da campanha de Canudos², inspirados em “Os Sertões”. O enfoque aqui, é apresentar uma das versões mais significativas, segundo a crítica especializada, o filme de Sérgio Rezende, produzido no ano de 1996 e lançado em 1997, “Guerra de Canudos”.

Em sua análise, intitulada “Imagens e Identidades em Os Sertões, de Euclides da Cunha, e Guerra de Canudos, de Sérgio Rezende”, Schäfer (2001) considera que o cineasta tentou dar uma nova visão ao conflito, utilizando personagens femininas para contar a história, invertendo o ponto de vista da narrativa masculina adotado por Euclides.

No contexto das artes cênicas, o diretor teatral, encenador Zé Celso Corrêa, à frente do Teatro Oficina, a partir do ano de 2002, também inicia uma grande saga para produzir a transposição do conteúdo Euclidiano de “Os Sertões” para a dramaturgia. Nos palcos do teatro, diferente da obra original literária, dividida em três partes, A Terra, O Homem e A Luta, a versão encenada foi diluída para cinco segmentos, ampliando em duas partes *O Homem (I e II)* e *A luta (I e II)*. As datas de estreia dos cinco espetáculos dessa montagem são: *A Terra* – 02/12/2002; *O Homem I* – 19/ 03/2003; *O Homem II* – 13/12/2003; *A Luta, Parte I* – 26/04/2005; *A Luta, Parte II* – 19/05/2006.

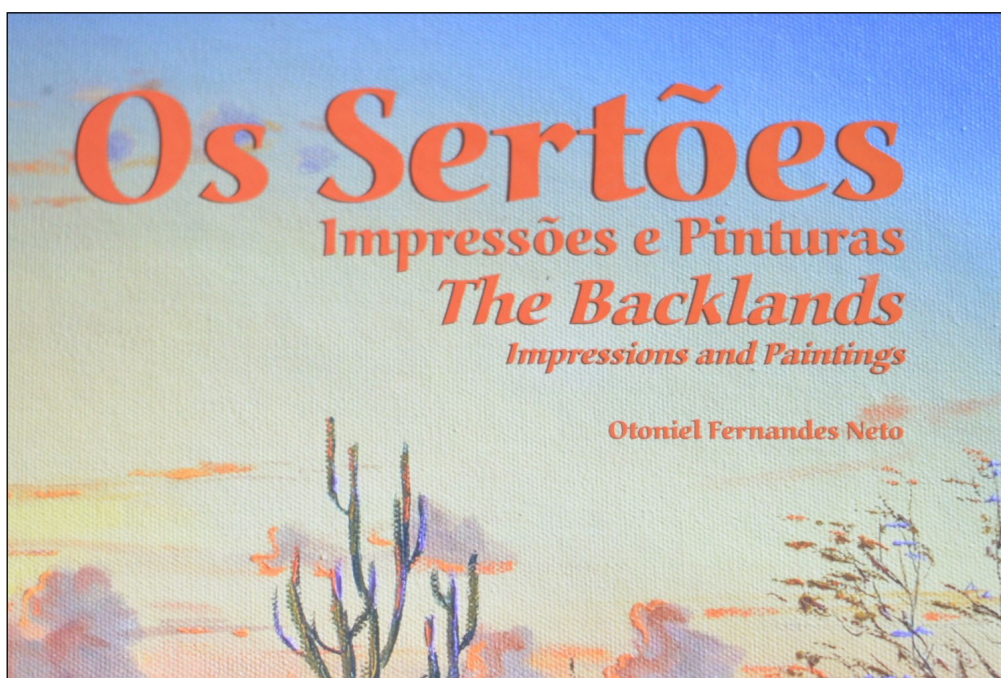
Nas artes visuais também se constata a iniciativa de retratar a obra, através da produção do acervo de pinturas criado pelo pintor Tripoli Gaudenzi, ao estampar a saga dos conflitos sertanejos. Assim, a história do livro “Os Sertões”, foi representada em ilustrações por cerca de 430 telas, com técnicas com bico de pena, óleo, acrílico, guache, aquarela, técnicas mistas, com tamanhos variados de cenas. Segundo Braga (2013, p.5), considerando as variantes sociais e históricas que apontam questões ainda não estudadas, em pormenores, e que não serão esgotadas, o artista plástico Tripoli Galdenzi, busca através da arte de representar o evento de Canudos, registrando em sua tela narrativas descritas pelos historiadores frente àquele acontecimento.

PARTE III- A releitura produzida pelo artista plástico Otoniel Fernandes

O referido artista, ponto catalisador dessa pesquisa, nasceu em 1964, em Fortaleza – CE e se mudou para Brasília em 1972, ainda garoto, com seus pais. Atualmente reside na Chapada dos Veadeiros, município de Alto Paraíso, de Goiás, onde ocorreu o encontro entre o artista e o autor deste artigo, no período de 2016 e 2019. Otoniel Fernandes começou a pintar em Brasília em 1979, sob a orientação do pintor Aluísio Santana. Em 1982, realizou sua 1ª exposição individual na Sede da AABB, Brasília e, em 1983, ingressou na UnB para cursar Licenciatura em Artes Plásticas.

Contextualizando brevemente sua trajetória, pode-se dizer que já possui um expressivo legado, concernente à sua experiência artística. Realizou dezenas de exposições individuais pelo país, participando, também, de vários Salões Nacionais de Pinturas. A partir de 1996, o artista começou a trabalhar exclusivamente com exposições temáticas e pinturas ao ar livre, tendo publicado, desde então, 15 livros de arte com essas exposições. Dentre suas obras temáticas, destacam-se as exposições no rio São Francisco, *Velho Chico Ilustrado*; na Chapada dos Veadeiros, *Atelier ao Ar Livre*, e, na Serra da Capivara, *Impressões da Serra da Capivara*.

De antemão, um dos fatores que irá agregar maior organicidade nesta releitura elaborada pelo artista plástico cearense Otoniel Fernandes, se dá ao fato de que o pintor também é nordestino e possui uma relação visceral com o tema a ser desbravado. (Figura 1)



Fonte: FERNANDES NETO, Otoniel (2011).

Figura 1. Detalhe da capa do Livro “Os Sertões Impressões e Pinturas”.

A intimidade com essa paisagem, imaginada através da leitura e releitura da obra literária, levou o pintor a retornar a Canudos (Figura 2), no Estado da Bahia, entre os anos de 1995 e 1996, realizando uma série de pinturas ao ar livre nas cidades de Canudos, Monte Santo, Uauá e Euclides da Cunha.



Fonte: FERNANDES NETO, Otoniel (2011).

Figura 2. Detalhe da tela “*Um olhar sobre Canudos*”.

Na versão produzida pelo artista plástico, a sequência da obra é respeitada. “Os Sertões, Impressões e Pinturas” mantém a proposta sequencial do original de os “Os Sertões” de Euclides da Cunha, A TERRA, O HOMEM e a LUTA. (Figura 3).

Eu pude fazer 50 pinturas inspiradas nos Sertões de Euclides da Cunha, pude fazer paisagens, que eu sou essencialmente pintor paisagista, pude fazer as cenas dos sertanejos e as cenas da guerra. A motivação de fazer tudo isso foi quando relendo os sertões já com trinta anos de idade, porque eu tinha lido na adolescência, mas relendo “Os Sertões” depois com mais cuidado logo nas primeiras páginas, o Euclides da Cunha escrevendo sobre “A Terra”, e falando do calor das cores e da luz, e quando ele falou assim, “a luz crua”, quando ele escreveu “a luz crua do dia tropical batendo sobre a região pedregosa e despida”... Então, aquilo eu senti como um convite, porque eu como pintor paisagista que já tentava interpretar a cor e a luz brasileira principalmente do Sertão, porque eu sou natural do sertão brasileiro, eu sou cearense e aí, quando eu li aquilo, eu disse, eu vou, eu tenho que pintar “Os Sertões”!³



Fonte: FERNANDES NETO, Otoniel (2011).

Figura 3. Detalhe da tela “Conselheiro, O Bom Jesus”.

A percepção de cores da interpretação que o pintor faz da Guerra de Canudos tem um entendimento com iluminação, quase cinematográfica. No momento em que retrata *A Terra*, as paisagens são tão perfeitas quanto fotografias; as expressões do povo sertanejo elaboradas para a parte do *Homem* são impecáveis, e saindo totalmente dos clichês de tons acinzentados que muitas vezes são utilizados por pintores europeus para retratar cenas de conflitos dessa espécie, as do desfecho final *A Luta*.(Figura 4).



Fonte: FERNANDES NETO, Otoniel (2011).

Figura 4. Detalhe da tela “Viva a República!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que na mesma proporção em que ainda existam artistas dispostos a desbravar a obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha, há repercussões das mais diferentes vertentes, inquietações e análises dessa obra clássica. Na breve discussão aqui apresentada, expondo as conexões entre as obras híbridas produzidas a partir do texto original literário, foi notório perceber o quanto cada linguagem artística carrega em suas particularidades, resultados específicos de suas releituras que são inerentes aos seus processos singulares de criação, de acordo com os contextos intrínsecos entre o cinema, o teatro, e as artes visuais.

O diretor de cinema Sérgio Rezende no filme *Guerra de Canudos*, nos apresenta uma perspectiva do protagonismo feminino que é emergente na visão narrativa do filme; já na releitura do *Teatro Oficina* sob a ótica do diretor Zé Celso Martinez Corrêa, além da saga original, são acrescentadas situações do embate contemporâneo. Nas artes visuais, tanto Tripole Gaudenzi, quanto Otoniel Fernandes, imprimem suas de subjetividades nas pinturas elaboradas.

Por fim, as peculiaridades expressas no cinema, no teatro e nas artes visuais, valendo-se das camadas de interpretação pessoal, inspiradas na obra literária *Os Sertões*, é uma demonstração da robustez de uma obra literária, clássica e histórica de denúncia de violência no Brasil. Tais ressignificações se potencializam dentro das dimensões dos artistas que a recriaram.

NOTAS

2 **1. Canudos**. Ipojuca Pontes, 1978, Documentário; **2. Paixão e Guerra no Sertão de Canudos**, Antonio Olavo, 1993, Documentário; **3. República de Canudos**, Autor desconhecido, 1989, Documentário; **4. Três Vezes Canudos**, Centro de Estudos Euclides da Cunha, Documentário; **5. Sobreviventes – Os Filhos da Guerra de Canudos**, Paulo Fontenelle, 2005, Documentário; **6. Os Sete Sacramentos de Canudos**, Joel de Almeida, Jorge Furtado, Otto Guerra, Luís Alberto Pereira, Pola Ribeiro, Ralf Tambke e Sandra Werneck, 1996, Série de documentário e ficção; **7. Memória do Sangue**, Conceição Senna, 1988, Documentário.

3 OTONIEL, Fernandes (Casa de Cultura Euclides da Cunha). “Os Sertões” por Otoniel Fernandes Neto”. YouTube, 15/08/2020

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. Paisagens: Uma contribuição da arte para a Geografia Sociocultural. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, Jan./Jun. de 2021, N. 49, P. 125–142. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>>. Acesso em 27/03/2022.

BRAGA, U. Canudos na Obra de Tripoli Galdenzi. **XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento Histórico e Diálogo Social**. Natal-RN, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364696641_ARQUIVO_UdineiaBragaBragaANPUH2013-1.pdf>. Acesso em 27/03/2022.

DA CUNHA, E. **Os Sertões**, Campanha de Canudos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

FERNANDES NETO, Otoniel. **Os Sertões, Impressões e Pinturas**. The Backlands, Impressions and Paintings. Brasília: Ed. Do autor, 2011;

LIMA, S.T. de. Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v.15, 0.30, p 7-33, jul./dez. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14190>>. Acesso em 02/04/2022.

RIBEIRO, F. G. D. B. Os Sertões, a Geografia e a Crítica na visão Euclidiana. **XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**. A construção do Brasil: Geografia, Ação Política e Democracia. Disponível em: <http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1465090429_ARQUIVO_Ossertoos,ageografiaeacriticanavisaoeuclidiana.pdf>. Acesso em 27/03/2022.

SCHÄFER, F. M. **Imagens e Identidades em Os Sertões, de Euclides da Cunha, e Guerra de Canudos, de Sérgio Rezende**. Dissertação de Mestrado em Letras - Estudos Literários, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. UFPR. Curitiba, 2001.